

REVISTA AGROCOM

Edição 01 • Dezembro de 2025
Oeste e Extremo-Oeste de Santa Catarina

tudo que você precisa saber

CRISE DO LEITE

É hora de chorar pelo leite derramado?

Desafios de hoje e caminhos possíveis para a atividade leiteira



LOGÍSTICA E CONECTIVIDADE

**Peças-chave
para o agronegócio
da região**

SUSTENTABILIDADE

**Santa Catarina:
agro forte,
floresta em pé**

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

**Clima extremo
exige reinvenção
no campo**



R E V I S T A
AGROCOM
tudo que você precisa saber

www.revistaagro.com

  [revista.agrocom](https://www.facebook.com/revista.agrocom)

Região que produz, conecta e comunica

Nesta primeira edição afirmamos a tese de que informação estratégica transforma desafios em oportunidades: quem vive, investe e cresce no campo precisa de um canal que una perspectiva técnica, mercado e política pública. Argumentamos que, diante da crise do leite, das mudanças climáticas e da urgente necessidade de infraestrutura e inovação, a comunicação regional é peça-chave para gerar valor, articular soluções e dar visibilidade ao agronegócio, à agricultura familiar e ao turismo rural do Oeste e Extremo-Oeste de Santa Catarina.

AgroCom nasce para expor essas realidades com rigor e sensibilidade, acompanhando debates sobre medidas emergenciais, iniciativas de industrialização local e propostas de proteção às cadeias produtivas. Mas não queremos ser apenas um espelho dos problemas: queremos ser acelerador de soluções, divulgando tecnologias apresentadas em eventos como o Ceditec, e promovendo o diálogo entre pesquisa, cooperativas e mercados.

Acreditamos que a combinação entre infraestrutura física e digital é determinante para a competitividade regional. Por isso damos espaço a pautas sobre o Programa Estrada Boa, o Conecta Agro SC e experiências de financiamento e cooperação — pontes que reduzem custos logísticos, ampliam rastreabilidade e viabilizam a adoção de agricultura de precisão. Nosso compromisso é traduzir esses temas em orientação prática, conectando produtores a oportunidades de crédito, mercado e inovação.

AgroCom quer celebrar o que constrói identidade e renda — a industrialização cooperativa que agrega valor, a produção familiar que mantém o interior vivo e o turismo rural que mostra a região para além da produção — sendo mais do que uma revista: um canal para negócios, conhecimento e valorização territorial, onde agricultura e comunidade rural se encontram para gerar valor. Publicada em versão impressa três vezes ao ano e sempre acessível no ambiente digital — com site e redes sociais — AgroCom amplia o diálogo, acelera negócios, conecta oportunidades e se torna a vitrine da agricultura, da família que passa o conhecimento adiante e do turismo rural que aproxima cidade e campo.

Agradecemos aos apoiadores que acreditaram neste começo — cooperativas, instituições, órgãos públicos e lideranças — pela confiança nesta jornada. Este é o primeiro passo de um caminho que pretende ser plural, útil e propositivo. Convidamos leitores, produtores, gestores e investidores a construir conosco as próximas edições: a voz do campo precisa ser ouvida, e aqui ela encontra direção.

- 5** Especial de Capa
Crise do leite:
Perdas, reação do setor
e novas perspectivas
- 12** Nacional
MDA cria grupo para
fortalecer a produção de
leite da agricultura familiar
- 14** Sustentabilidade
Santa Catarina: agro forte,
floresta em pé
- 16** Ceditec Auriverde
Inovação e tecnologia para o
futuro do campo
- 18** Logística e conectividade
Peças-chave para o
agronegócio da região
- 23** Opinião
Agricultura familiar e
a produção de alimentos
- 24** Santa Terezinha do Progresso
Município recebe novo
pacote de máquinas e amplia
investimentos no meio rural
- 28** Mudanças climáticas
Clima extremo exige
reinvenção no campo
- 30** Opinião
Industrialização
no cooperativismo

Perdas, reação do setor e novas perspectivas

A Revista AgroCom ouviu produtores, entidades e gestores públicos para entender as causas da crise do leite e mostrar as iniciativas em curso a fim de reduzir perdas e apontar caminhos para o setor.

A resistência das famílias que mantêm viva a produção

Crise do leite combina queda no preço ao produtor, custos elevados e avanço das importações, reduzindo a renda no campo e exigindo medidas urgentes para manter a atividade leiteira.

No interior de Maravilha, na Linha São Paulo, a família Filimberti vive a rotina intensa e desafiadora da produção leiteira. Em um cenário em que milhares de pequenos e médios produtores de Santa Catarina avaliam abandonar a atividade, Loivo Filimberti e a família mantêm a lida diária com disciplina, investimento e fé no futuro — apesar das dificuldades impostas pela crise do setor.

A propriedade, reconhecida na região pela alta produtividade e pelo manejo diferenciado, possui 79 vacas em lactação, todas da raça holandesa, confinadas em um amplo galpão de 70m x 21m, climatizado com ar-condicionado, camas individuais e ambiente controlado. O objetivo: garantir conforto, saúde e alta produção. E o resultado aparece: 44 litros de leite por

vaca, em média, totalizando 3.200 litros por dia.

A ordenha é realizada três vezes ao dia — às 6h, 18h e 22h — por uma equipe de sete colaboradores, incluindo a própria família. O resfriador tem capacidade superior a 6 mil litros, garantindo a qualidade até a coleta. A estrutura conta ainda com salas de máquinas e sistema de ventilação, onde os animais permanecem sempre em boas condições térmicas.

Além do leite, a família mantém outros tipos de cultivo, produzindo internamente toda a alimentação do rebanho. “O custo só não é maior porque o que a vaca come a gente planta. Se fosse comprar tudo, impossível fechar as contas”, comenta Loivo.





Família Filimberti mantém alta produtividade e investimentos em tecnologia para seguir no leite, mesmo em meio à crise de preços e incertezas sobre o futuro.

Um grande produtor vivendo o mesmo problema que atinge os pequenos

Mesmo com tecnologia, estrutura e produtividade acima da média regional, Loivo Filimberti admite que jamais enfrentou um período tão desafiador. Ele resume a indignação em poucas palavras: “A vontade, às vezes, é parar de tirar leite”.

O motivo do desânimo é compartilhado por milhares de produtores catarinenses. O litro do leite, que há um ano superou R\$ 3,20, hoje é pago R\$ 2,40 — valor insuficiente diante dos custos que permaneceram altos. “O leite caiu, mas os insumos não baixaram. A conta não fecha”, afirma.

Outro ponto que revolta os produtores é

a importação do leite em pó, principalmente proveniente de Argentina e Uruguai. Para Loivo, é uma concorrência injusta e até ilegal.

“Eles produzem com metade do nosso custo. Lá não existe a carga ambiental, sanitária e trabalhista que nós temos. É impossível competir.”

O produtor lembra que países desenvolvidos protegem suas cadeias produtivas. “Quando o setor é ameaçado, o governo taxa a importação. Aqui, além de não taxar, incentivam”, critica, visivelmente indignado.



Foto: Rodrigo Corrêa Agência AL

Audiências públicas: há esperança?

Santa Catarina tem sido palco de audiências públicas na Alesc e em Brasília sobre a crise do leite. Parlamentares como Altair Silva (PP estadual) e Daniela Reinehr (PL federal) têm articulado alternativas, como subsídios, taxaço da importação e incentivo à industrialização local.

Loivo, porém, demonstra ceticismo moderado. “Se implantarem o que prometem, ajuda. Mas como vão fiscalizar? Vão colocar alguém dentro das indústrias? Precisamos de ação, não só discurso”, defende.

Industrializar o leite: sonho distante

A proposta de industrialização local, citada nas audiências, também é vista com cautela. Loivo lembra que Maravilha já tentou iniciativas como empacotamento e produção de queijo, sem lograr êxito.

“É investimento altíssimo. E hoje o consumidor quer leite de caixinha. Só grandes indústrias conseguem produzir.

A embalagem chega a custar mais caro que o leite.”

Segundo o produtor, a concentração da produção nas cooperativas é o que mantém alguma estabilidade. Ele vende para a Auriverde, que industrializa junto à Aurora. “A cooperativa segura mais o preço. A gente está menos pior que quem vende para indústria privada.”



O futuro: sucessão familiar e resistência

Em meio ao cenário crítico, há um ponto de esperança: a sucessão familiar. Gabriel, filho de Loivo, se capacitou na área e já conduz boa parte das atividades da propriedade.

Para muitos produtores, o fim da cadeia leiteira também significa o término da vida no campo. Na família Filimberti, a permanência do jovem garante a continuidade da propriedade — mas dependerá de políticas

públicas efetivas.

“Se tivesse incentivo do governo — seja no transporte, na industrialização ou no apoio direto ao produtor — ajudaria muito”, avalia Loivo.

Cooperação, por outro lado, é o que já fortalece o setor: as cooperativas, intercooperativas e sistemas integrados têm sido o suporte mais estável para propriedades como a dos Filimberti.

Uma atividade essencial que luta para sobreviver

Apesar da crise, Loivo lembra que o leite é um dos alimentos mais completos e acessíveis da mesa brasileira. Com estrutura moderna, dedicação e tradição familiar, a propriedade Filimberti segue produzindo.

Mas, como tantas outras em Santa Catarina, permanece na corda bamba — produzindo muito, ganhando pouco e esperando que o poder público finalmente reconheça o valor da atividade.



O que diz o Governo Federal

Aposta em mais um grupo de trabalho e novas promessas, mas ainda oferece poucas respostas práticas para quem vive do leite no campo.



Foto: Arquivo/Secom/TO

rantes para garantir renda e permanência das famílias produtoras no campo.

O GT reúne representantes do MDA, Conab, Embrapa Leite, CNA, OCB, movimentos sociais, universidades, cooperativas e até membros do Núcleo Agrário da Câmara dos Deputados. Em tese, o objetivo é formular ações rápidas que envolvam crédito, industrialização local, fortalecimento das cooperativas e melhor comercialização do leite.

Apesar disso, para os produtores, a medida soa insuficiente diante da urgência

O secretário do MDA, Vanderley Ziger (na foto), afirma que o governo quer ouvir quem está na ponta e transformar as demandas em políticas concretas. Porém, até agora, não houve anúncios de ações diretas, como subsídios, compras públicas ou medidas efetivas contra a concorrência do leite importado.

Em meio à pior crise da cadeia leiteira dos últimos anos, o Governo Federal anunciou, em outubro de 2025, a criação do Grupo de Trabalho da Cadeia Leiteira da Agricultura Familiar (GT-Leite), ligado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). A iniciativa, instituída pela Portaria nº 55/2025, pretende elaborar diagnósticos e propor medidas emergenciais e estrutu-

Movimento nacional em defesa do leite: Câmaras municipais reagem e pressionam Brasília

Se no governo federal as decisões ainda caminham lentamente, nas cidades do Sul o movimento para proteger o produtor ganha força. Câmaras de vereadores de Santa Catarina e Paraná estão aprovando Moções de Apoio ao PL 4309/2023, da deputada federal Daniela Reinehr (PL-SC), que proíbe a reconstituição de leite em pó importado para venda como leite fluido no país.

A prática, comum na indústria, permite que leite em

pó, vindo principalmente de Argentina e Uruguai — com custo de produção até 50% menor — seja transformado novamente em líquido e dispute espaço nas gôndolas com o leite produzido no Brasil.

Para os produtores, é a mais clara forma de concorrência desleal. “Como competir com um leite que chega quase pronto, barato e sem exigências sanitárias e trabalhistas como as nossas?”, questiona a deputada catarinense.

Lideranças municipais de Chapecó, Concórdia, Ermo, Abelardo Luz e Cascavel (PR) já manifestaram apoio à proposta. A Acamosc articula o movimento em mais 30 municípios.

Segundo Daniela Reinehr, cada moção representa “a voz do interior gritando por respeito”. O projeto já passou por comissões importantes em Brasília e aguarda análise final na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ).

Alesc debate e pressiona por medidas emergenciais em SC

Onde mais de 30 mil famílias vivem do leite, a crise foi tema de uma audiência pública lotada na Assembleia Legislativa (Alesc). Deputados, cooperativas e produtores se reuniram para apresentar caminhos de contenção imediata e de médio prazo.

Com o preço pago ao produtor chegando a menos de R\$ 1,80 por litro em muitos municípios — bem abaixo dos custos — o clima no auditório era de indignação e urgência. Muitos agricultores exibiam adesivos “Luto pelo Leite”.

A Epagri/Cepa registrou queda superior a 10% na produção, reflexo do abandono da atividade.

Entre as medidas discutidas:

- Controle rígido das importações de leite em pó.

- Apoio financeiro temporário para pequenos e médios produtores.

- Incentivo à industrialização regional, para agregar valor ao leite catarinense.

- Aprovação do PL 768/2025, que proíbe a reidratação de leite em pó em Santa Catarina.

O deputado Altair Silva (PP) foi direto. “O produtor está no limite. Se nada for feito, vamos perder uma das cadeias mais importantes do campo catarinense”, declarou.

A fala ecoa a realidade vivida na propriedade da família Filimberti. Mesmo com tecno-

logia e alta produtividade, a conta não fecha. Para quem produz 3.200 litros por dia, a diferença de centavos no litro representa perdas enormes ao final do mês.

O Sindileite reforçou que tanto produtores quanto indústrias estão com prejuízo — e pediu fiscalização sanitária rigorosa das importações, compras públicas de leite e suspensão temporária da entrada de leite em pó do Mercosul.

Ao final, formou-se uma comissão que irá trabalhar junto aos governos estadual e federal para acelerar medidas emergenciais.

Governo catarinense busca soluções para amenizar impacto

Ainda em dezembro, Santa Catarina reuniu lideranças do setor leiteiro para alinhar estratégias que reforcem a competitividade da produção no estado. O encontro destacou a importância de reduzir custos, ampliar rentabilidade e estimular o consumo, valorizando o papel dos mais de 24 mil produtores que fazem do estado o quarto maior produtor nacional. O governo reforçou investimentos previstos para 2025, incluindo incentivos, apoio técnico e medidas que já reduziram significativamente as importações. Com programas voltados à melhoria das pastagens e da gestão, o grupo de trabalho segue articulando ações que garantam qualidade, rastreabilidade e mais oportunidades para a cadeia leiteira catarinense.



MDA cria grupo para fortalecer a produção de leite da agricultura familiar

O Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) instituiu, por meio da Portaria nº 55, de 22 de outubro de 2025, o Grupo de Trabalho da Cadeia Leiteira da Agricultura Familiar (GT-Leite), criado para articular medidas emergenciais e estruturantes de apoio ao setor. A iniciativa surge em um momento de atenção especial à cadeia do leite, diante de oscilações de mercado, altos custos de produção e perda de competitividade dos pequenos produtores, fatores que afetam diretamente a renda e a permanência das famílias no campo.

O Grupo terá o papel de elaborar diagnósticos e propor medidas estruturantes que ampliem a sustentabilidade econômica, ambiental e produtiva da cadeia leiteira, com ênfase em crédito, comercialização, industrialização local e fortalecimento das cooperativas familiares. As ações pretendem garantir condições mais estáveis de produção e comercialização, valorizando o leite como um dos pilares da agricultura familiar no Brasil. Inicialmente, o grupo irá trabalhar nestes primeiros meses apresentando, ao final, um relatório com recomendações e propostas ao

Este grupo será um espaço de construção conjunta, ouvindo quem está na ponta da produção e transformando as demandas das famílias em ações concretas (...)

Secretário do MDA, Vanderley Ziger

ministro Paulo Teixeira.

A composição do colegiado inclui seis representantes do MDA, entre eles a Secretaria de Agricultura Familiar e Agroecologia (SAF) - responsável pela coordenação - a Secretaria de Abastecimento, Cooperativismo e Soberania Alimentar (SEAB), a Secretaria Executiva, a Assessoria Especial do Gabinete do Ministro e a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Para o secretário de Agricultura Familiar e Agroecologia, Vanderley Ziger, a iniciativa reforça o papel do MDA na construção de políticas públicas atentas às demandas da agricultura familiar. “A cadeia do leite é uma das

Composição do GT-Leite

Convidados de instituições e organizações parceiras

- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Leite) – Glauco Carvalho, pesquisador
- Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) – Guilherme Souza Dias, assessor técnico

- Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) – Fernando Pinheiro, analista técnico e econômico
- Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) – Sandra Bonetti, Secretária de Meio Ambiente
- Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar do Brasil (Contraf) - Elizandro Paulo Krajczyk, coordenador estadual – Paraná



Foto: Rômulo Nascimento

mais importantes da agricultura familiar, presente em todos os estados e essencial para a segurança alimentar das comunidades rurais. Este grupo será um espaço de construção conjunta, ouvindo quem está na ponta da produção e transformando as demandas das famílias em ações concretas que garantam renda, estabilidade e valorização do produtor familiar de leite”, destacou Ziger.

Além dos membros oficiais do MDA, o GT-Leite será um espaço aberto à colaboração de movimentos sociais, cooperativas, instituições de pesquisa, governos locais e entidades de formação profissional. A divulgação da lista de organizações tem o propósito de ampliar a participação e inspirar novas adesões, fortalecendo a construção coletiva de políticas para o setor.

- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) – Adelar José Pretto, dirigente
- União Nacional das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária (Unicafes Paraná) – Adair Alves, vice-presidente
- Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) – Bruno Meireles Leite, coordenador-geral de Produção Animal

- Câmara dos Deputados/Núcleo Agrário – Jelson Francisco Fernandes, assessor técnico
- Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (FEALQ/USP) – Rodrigo Maule, pesquisador e Valter Bianchini, consultor
- Representantes dos produtores rurais: Edvaldo Vasconcellos, Fábio Henrique de Barros Pimentel, Fábio Luis Cabral do Nascimento Pinto e Mateus Ferrari Ananias

Santa Catarina: agro forte, floresta em pé

Modelo produtivo catarinense ganha destaque na COP30 e reforça aliança entre produção e preservação

O modelo produtivo de Santa Catarina, reconhecido pelo equilíbrio entre desenvolvimento econômico e responsabilidade ambiental, ganhou protagonismo durante a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), realizada entre 11 e 22 de novembro, em Belém (PA). A participação catarinense foi marcada pela apresentação de propostas construídas ao longo de meses de diálogo com o setor produtivo.

Sob coordenação do deputado estadual Mauro De Nadal (MDB), presidente da Frente Parlamentar da COP30 da Assembleia Legislativa, Santa Catarina estruturou sua posição oficial após uma série de encontros regionais realizados em São Miguel do Oeste, Campos Novos, Caçador, Jaraguá do Sul e Criciúma. Os eventos reuniram agricultores, lideranças empresariais, representantes da indústria e do agronegócio.

De Nadal destacou que ouvir quem produz foi essencial para consolidar as sugestões levadas à conferência. “Não há como debater clima e sustentabilidade

sem a participação de quem está diariamente no campo, nas fábricas e no comércio. O setor produtivo precisa ser parte da solução”, afirmou o parlamentar na época.

Os dados reforçam o peso do modelo catarinense: 38% do território permanece coberto por florestas nativas, segundo o programa Monitora/SC, enquanto o agronegócio responde por cerca de 30% do PIB estadual, de acordo com a Epagri. Para De Nadal, essas informações comprovam que Santa Catarina é referência em produção sustentável. “Quem produz também preserva. Essa realidade precisa ser considerada no debate internacional”, defendeu.

*Quem produz também
preserva. Essa realidade
precisa ser considerada no
debate internacional*

As propostas do Estado apresentadas na COP30

O Estado levou à conferência três propostas estruturadas a partir das contribuições colhidas nos encontros regionais. Elas reforçam a ideia de premiar quem cuida do meio ambiente e investe em práticas responsáveis:

- **Compensação financeira para produtores que preservam áreas verdes**

- **Incentivos fiscais para investimentos em energia limpa e renovável.**

- **Compensação ambiental para municípios que mantêm áreas preservadas, com recursos direcionados ao saneamento básico e à**

proteção hídrica.

O documento foi entregue oficialmente à Unale (União Nacional dos Legisladores e Legislativos Estaduais), responsável por articular as sugestões dos estados e encaminhá-las à cúpula internacional.

“Santa Catarina chegou à COP30 com dados sólidos, trabalho conjunto e propostas consistentes. Agora esperamos que esse esforço seja transformado em políticas públicas nacionais”, destacou Mauro De Nadal após a apresentação.

Lançamento de livro consolida debate

A participação catarinense na conferência também foi marcada pelo lançamento do livro “Santa Catarina: produção e preservação caminham juntas”, apresentado na Green Zone da COP30. A obra reúne análises, diagnósticos e propostas surgidas nos encontros regionais promovidos pela Frente Parlamentar em parceria com a Escola do Legislativo da Alesc, consolidando o debate sobre produção sustentável no estado.

Com atuação articulada e foco no diálogo entre meio ambiente e economia, Santa Catarina buscou mostrar ao mundo que desenvolvimento e preservação podem, sim, avançar lado a lado.



Foto: Adriano Pielkes

CEDITEC AUR Inovação e tecnologia p

A edição 2025 do CEDITEC – promovida nos dias 3 e 4 de dezembro pela Cooperativa Regional Auriverde, em Maravilha, reforçou seu posicionamento como um dos principais eventos de inovação no agronegócio catarinense. Com o slogan “Inovação que transforma o campo”, o encontro reuniu produtores, empresas, técnicos, pesquisadores e estudantes, promovendo atualização tecnológica, capacitação e troca de experiências na área rural.

Realizado na área da cooperativa e em espaços parceiros, o evento manteve seu formato dinâmico, com estandes, vitrines tecnológicas, demonstrações práticas e palestras. O público teve acesso a mostras de cultivos, tecnologias de solo, sementes e sistemas de produção, além de

equipamentos modernos voltados à agricultura digital e de precisão.

Tendências em destaque

A programação reforçou temas emergentes no setor, com foco em tendências que devem marcar os próximos anos no agronegócio brasileiro. Entre elas:

Agricultura digital, drones, sensores e análise de dados; Sustentabilidade e práticas regenerativas no manejo do solo e da água; Tecnologias para produção animal e integração lavoura-pecuária; Valorização da agricultura familiar, da mulher no agro e de soluções adaptadas às pequenas e médias propriedades rurais; Inovações em cultivares, sementes e sistemas de forrageiras.



Fotos: Foto Fritz

RIVERDE 2025

para o futuro do campo



Experiências e oportunidades

Além da programação técnica, o CEDITEC 2025 se destacou como espaço de networking e negócios. Produtores puderam conhecer inovações aplicadas diretamente ao campo, enquanto empresas expositoras apresentaram soluções com foco em eficiência, redução de custos e aumento de produtividade. Para estudantes e profissionais técnicos, o evento reforçou seu caráter educacional, aproximando teoria e prática, além de conectar talentos às demandas reais do setor produtivo.

Ponte entre presente e futuro

Com mais uma edição marcada por grande participação e novidades tecnológicas, o CEDITEC consolidou seu papel como plataforma de integração entre conhecimento, inovação e desenvolvimento regional.

Para o setor agropecuário do Sul e Oeste de Santa Catarina, o evento funcionou como vitrine e sinalização das próximas transformações – mostrando que a modernização do campo já está em curso e seguirá avançando.

O CEDITEC 2025 encerrou reforçando uma mensagem central: quem deseja permanecer competitivo no agro precisa acompanhar – e participar – da evolução tecnológica que já molda o futuro da produção agrícola e pecuária no país.

“Este ano nosso evento trouxe grandes novidades para o setor. Um momento importante para as pessoas, empresas e parceiros aproveitarem. O Ceditec vem se consolidando uma feira muito bem organizada que nossa região merece”, destacou o presidente da Auriverde, Claudio Post.

Peças-chave para o agronegócio da região

No Oeste e Extremo-Oeste de Santa Catarina, região que assume papel de protagonismo no agronegócio estadual e nacional, não basta produzir. É preciso transportar, conectar, digitalizar — e nisso a infraestrutura logística e de comunicação aparece como fator determinante de competitividade. Nos últimos anos, duas vertentes vêm se destacando: por um lado, o investimento em rodovias estratégicas e vias de escoamento, por outro, o avanço da conectividade digital — redes 4G/5G, fibra, internet no campo, que sustentam a inovação agrícola.

Nas próximas páginas aprofundamos sobre os investimentos em rodovias, os avanços em conectividade no campo, os desafios ainda presentes, as oportunidades para o agronegócio da região e as perspectivas para os próximos anos.





Foto: Roberto Zacarias / SECOM GOVSC

Melhorias rodoviárias: obras que conectam produção e mercado

A rede de rodovias do estado vem recebendo um aporte significativo por meio do Programa Estrada Boa, lançado pelo governo estadual com objetivo de revitalizar, pavimentar e modernizar a malha viária catarinense. No Oeste/Extremo-Oeste, o impacto já é visível. O programa contabiliza mais de R\$ 3,5 bilhões em investimentos e cerca de 100 obras em andamento ou concluídas.

Um dado local que ressalta a relevância: no “Grande Oeste” (que engloba Oeste, Extremo-Oeste e Meio-Oeste) foram identificadas 21 obras estruturantes em execução, com contratos somando cerca de R\$ 1,46 bilhão nesta região.

Exemplos concretos ajudam a dimensionar: o trecho da rodovia SC-161, ligando municípios do Extremo-Oeste, recebeu cerca de R\$ 26 milhões em investimento, pavimentando 36 km de pista depois de décadas de espera. Também no

programa encontra-se a rodovia SC-283, que liga “o corredor de Chapecó a Concórdia”, passando por Arvoredo, Seara e Arabutã — melhorias aparecendo no Oeste catarinense como prioridade.

Essas intervenções não são meramente cosméticas: uma infraestrutura viária mais fluida reduz custos de transporte, aumenta a confiabilidade de escoamento das cadeias produtivas (como suínos, aves, leite, grãos) e tende a atrair novos investimentos. Segundo a própria Secretaria de Infraestrutura e Mobilidade (SIE), mais de 80% da malha rodoviária estadual estará em condições “boas ou ótimas” ainda em 2025.

Para o agronegócio do Oeste, em que produção, agroindústria e exportação convivem lado a lado, essas melhorias são vitais: sem estradas em condições adequadas, o custo logístico sobe, o risco de perdas aumenta e a competitividade diminui.

Conectividade e digitalização: o próximo eixo da infraestrutura

Se as estradas são a via física da produção, a conectividade se torna o canal invisível que sustenta a inovação. Em Santa Catarina, além do programa rodoviário, há iniciativas para levar internet de qualidade e redes móveis ao campo. O programa Conecta Agro SC, por exemplo, foi lançado no município de Vargeão para levar

fibra óptica e infraestrutura de telecomunicações às áreas rurais.

No âmbito nacional, o Estado de Santa Catarina já teve 71 municípios com faixa de frequência liberada para 5G (3,5 Ghz) em outubro de 2023. No entanto, como mostra o levantamento da associação ConectarAGRO, a cobertura de

4G/5G nas áreas agrícolas ainda é muito inferior ao desejado: em 2024, apenas cerca de 33,9% das áreas agrícolas estavam cobertas por 4G ou 5G.

Um dado relevante para as estradas: segundo a ConectarAGRO, boa parte desse avanço de conectividade se dá “como consequência” da infraestrutura ao longo de rodovias, que funcionam como corredores de rede e fibra óptica. Ou seja: estradas não são apenas vias de rodagem, mas também eixos de conectividade.

Para o Oeste catarinense, onde o agronegócio depende de tecnologia (sensoriamento, IoT, automação) e logística, isso implica. Uma rodovia bem pavimentada, mais uma rede móvel de qualidade, significa produtor com menor custo, cadeia com menor risco e maior possibilidade de adotar inovação.



Desafios persistem e oportunidades se abrem

Mesmo com avanços, há gargalos. A cobertura de 4G/5G ainda não atinge a maioria das áreas rurais no país. Em Santa Catarina, embora municípios estejam liberados para 5G, a ativação e real operacionalização da rede tardam. A falta de conectividade plena limita o uso de tecnologias como agricultura de precisão, monitoramento remoto, veículos autônomos de campo, entre outros.

Na logística rodoviária, apesar das melhorias, muitos trechos ainda aguardam intervenção — especialmente em zonas mais remotas ou de difícil acesso. A manutenção regular e a qualidade da infraestrutura ainda são desafios. Além disso, a conectividade ao longo das estradas demanda não só cobertura, mas backhaul de fibra, antenas, planejamento de rede e investimento privado/estatal.

Por que isso importa para a região?

Redução de custos logísticos: rodovias em boas condições aceleram o escoamento de produção, reduzem avarias e perdas.

Resiliência produtiva: vias confiáveis e conectividade digital tornam os produtores mais preparados para mudanças de mercado, clima ou exigências de rastreabilidade.

Adoção de tecnologias emergentes: sensores conectados, telemetria em

veículos de carga, rastreamento de insumos e produtos — tudo isso exige rede. A infraestrutura rodoviária e rede mobile formam a base.

Integração regional e internacional: o Oeste de Santa Catarina exporta grande parte de sua produção agroindustrial. A logística e a conectividade não são “extras”, são condições de competitividade global.

Olhando para frente

Para o Oeste e Extremo-Oeste catarinense, o horizonte mostra duas frentes principais: consolidar a malha rodoviária com padrão de qualidade elevado e ampliar a conectividade digital nas unidades produtivas e ao longo dos corredores de transporte. O Programa Estrada Boa Rural já dá expressivo passo na primeira frente; a segunda exige articulação entre Estado, municípios, empresas de *telecom* e produtores.

Se a estrada é o palco, a rede é o instrumento — e juntos eles podem transformar o agro da região em uma plataforma de alta eficiência, menor custo e maior sustentabilidade. Quando estradas, logística e conectividade caminham lado a lado, o “campo” deixa de ser apenas produção e passa a ser plataforma tecnológica de agregação de valor.

Estrada Boa Rural: pavimento, crédito e conexão

O programa, apoiado pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), é um exemplo concreto de como a melhoria da malha viária rural se transforma em política de desenvolvimento para o Oeste catarinense. Os primeiros contratos aprovados para Águas Frias e Iraceminha somam R\$ 5 milhões, viabilizando a pavimentação asfáltica de 3,2 quilômetros em Águas Frias e mais cinco quilômetros em Iraceminha, garantindo maior segurança no deslocamento das famílias e previsibilidade no escoamento da produção agrícola. Ao reduzir atoleiros, perdas de carga e tempo de transporte, essas obras reforçam a base logística de cadeias que operam em regime de alta eficiência, como leite, grãos, proteína animal e horticultura.

A modelagem financeira do programa,

detalhada pelo BRDE, também dialoga com essa visão de longo prazo: parte dos investimentos será feita com recursos próprios dos municípios, enquanto outra parcela virá de convênios financiados pelo banco, com o Estado assumindo integralmente o pagamento dos juros. Isso permite que as prefeituras financiem até mesmo a contrapartida, liberando caixa para outras prioridades, como a expansão da conectividade digital e a modernização de serviços no campo.

Assim, estradas pavimentadas e internet de qualidade passam a caminhar juntas: a primeira garante fluidez à logística física, a segunda sustenta a adoção de tecnologia, gestão de dados e inovação agrícola — combinação essencial para manter o Oeste e Extremo-Oeste de Santa Catarina na vanguarda do agronegócio brasileiro.

Santa Terezinha do Progresso

É essa terra
que escolhi



PREFEITURA DE
**SANTA TEREZINHA
DO PROGRESSO**



Agricultura familiar e a produção de alimentos

A agricultura familiar, exportadora de mão de obra para a indústria brasileira nas décadas de 80 e 90, passou a ser área estratégica no desenvolvimento regional com a produção de alimentos para a mesa dos brasileiros. Essa agricultura familiar que se fortaleceu a partir do aporte governamental com o crédito rural, em específico nas linhas do Pronaf, da pesquisa e com introdução de tecnologia na produção, vem garantindo a permanência das pessoas no campo e, conseqüentemente, alimentação nas mesas dos brasileiros. Essa nova agricultura familiar traz ancorada a modernidade nos seus processos de produção.

Na produção de hortifrutis, com o uso da plasticultura e uso racional da irrigação, torna-se mais rentável e ecologicamente sustentável. Assim, nossas cidades são abastecidas por produtos de qualidade e com procedência da agricultura familiar regional,

(...) nossa agricultura familiar, com apoio e reconhecimento, vem contribuindo para o desenvolvimento regional.

saindo da dependência dos Ceasas. Na produção de carnes se destacam com uma cadeia organizada e rentável, abrindo caminhos para as exportações a níveis mundiais e alcançando recordes ano após ano.

Com a melhoria genética, tivemos avanços significativos na produção, as áreas da suinocultura e avicultura foram as que mais se destacaram. Os métodos produtivos, aliados aos sistemas integrados com a agroindústria, permitiram um controle e gerenciamento da produção. Isso, aliado com a qualidade da matéria-prima e a performance da agroindústria, permitiu avanços significativos por novos mercados.

Hoje possuímos uma cadeia de carnes produtiva, organizada e rentável com capacidade de altos investimentos. Outro setor que merece destaque é a atividade leiteira. Com a modernização, com adoção de material genético de alta qualidade e adoção de alimentação balanceada, com

qualidade e quantidade adequada ao rebanho, passamos a produzir muito mais.

A região Oeste catarinense é uma das maiores bacias leiteiras do Brasil, tanto na produção, quanto na oferta de industrialização. Todo esse cenário favorável não nos permitiu ainda ter uma segurança na garantia de preço e renda aos produtores, diferente das cadeias anteriormente mencionadas.

Na atividade leiteira não possuímos um planejamento na produção, a cadeia se baseia e se organiza a partir da movimentação dos produtores, onde em períodos de grande oferta do produto tem-se uma marginalização dos preços pagos aos produtores. O baixo índice de exportação da nossa produção também reflete no preço final pago aos produtores. Não estamos afirmando que a verticalização da produção na atividade leiteira, assim como é nas cadeias produtivas das carnes, seja o caminho, mas ali podemos buscar alguns subsídios para o fortalecimento do setor leiteiro.

A agricultura familiar regional tem relevância na produção de grãos, mesmo não tendo uma grande área agricultável, comparado a outras regiões do estado ou do país. Possuímos nos índices de produção um aliado e somos fornecedores de matéria-prima para a indústria de ração animal. Aqui gostaria de destacar um potencial ainda adormecido, que tanto as organizações como o setor público precisam estar atentos às oportunidades, me refiro à produção de frutas.

Em nossa região há vários espaços que, com a implantação de tecnologias e incentivos, podem vir a constituir-se em cinturões da produção diversificada de frutas, com potencial de mercado e renda. Portanto, nossa agricultura familiar, com apoio e reconhecimento, mesmo com os desafios, vem ocupando espaço, se destacando na produção de alimentos, na ocupação da mão de obra e na geração de renda, contribuindo para o desenvolvimento local e regional.

SANTA TEREZINHA DO PROGRESSO

Município recebe novo pacote de máquinas e amplia investimentos no meio rural

Santa Terezinha do Progresso reforçou significativamente sua frota de equipamentos destinados ao atendimento da área rural. Em ato oficial que reuniu autoridades e comunidade, o município celebrou a entrega de três novas máquinas que irão fortalecer a infraestrutura e garantir mais eficiência nos serviços prestados aos agricultores.

Com recursos do Governo do Estado foram adquiridos uma motoniveladora (patrola) e um rolo compactador, somando R\$ 946 mil em investimentos. Além disso, o município foi contemplado com um segundo rolo compactador, viabilizado por meio de recursos federais do Programa Nacional de Modernização e Apoio à Produção Agrícola (Promaq), com apoio da deputada federal Ana Paula Lima (PT).

“Esse equipamento vai reforçar a infraestrutura no campo e melhorar as condições de trabalho dos nossos produtores rurais, que são a base da nossa economia”, destacou a parlamentar durante a cerimônia.

O prefeito Eliseu Alves da Silva celebrou a chegada das máquinas e



ressaltou os impactos diretos no dia a dia dos moradores.

Outro avanço importante: a Secretaria Municipal de Agricultura recebeu dois novos tratores, adquiridos com uma emenda

parlamentar de R\$ 200 mil, do deputado estadual Altair Silva (PP), complementada por R\$ 72 mil de contrapartida do município. Os equipamentos serão utilizados em ações como preparo de solo, incentivo à produção e melhoria das condições de trabalho no campo.

A entrega dos equipamentos representa mais um passo no compromisso da gestão em promover o desenvolvimento sustentável e oferecer melhores condições aos produtores.

Além do reforço na frota, o município recebeu caixas d'água da Defesa Civil do Estado, destinadas às comunidades do interior, ampliando o suporte às famílias rurais.

O conjunto de investimentos consolida Santa Terezinha do Progresso como referência regional em políticas de fortalecimento da agricultura familiar, setor que move a economia local e sustenta o desenvolvimento social da comunidade.





1º ANO
DE GOVERNO

Aproximadamente

R\$

4

milhões

investidos na
renovação do
parque de máquinas

- 2 escavadeiras
- 1 trator esteira
- 1 motoniveladora
- 2 tratores
- 2 rolo compactador



Transforme seu talento em carreira

Estude
onde
quiser!

Matricule-se
já



UNIASSELVI

GRADUAÇÃO E PÓS

**Em Santa Catarina
quem produz, também preserva.**

Produzir e preservar é possível.
E Santa Catarina já mostra
isso ao Brasil e ao mundo!

Mauro De Nadal
Deputado Estadual

Em defesa de Santa Catarina



MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Clima extremo exige reinvenção no campo

A sucessão de tempestades que atingiu Santa Catarina nos últimos meses expôs, novamente, a vulnerabilidade do campo diante da crescente instabilidade climática.



No Oeste, uma das regiões mais produtivas do estado, agricultores enfrentam perdas causadas por chuvas intensas, ventos fortes e episódios de granizo que, em poucos minutos, comprometem plantações inteiras.

Se antes o ciclo das estações orientava o planejamento da produção, agora o clima impõe outra lógica: a de adaptação constante. O cenário exige proteção, previsibilidade e estratégias capazes de garantir a sobrevivência das lavouras diante de fenômenos cada vez mais extremos.

Culturas vulneráveis e incertezas

Em entrevista, a meteorologista Marilene de Lima, da Epagri Ciram, explica que o momento é especialmente delicado para as culturas que estão em fase de formação ou desenvolvimento — caso típico da fruticultura em áreas do Meio-Oeste, Planaltos e Oeste catarinense.

Segundo Marilene, a combinação de granizo, chuvas volumosas e excesso de umidade pode antecipar prejuízos importantes, especialmente em plantas que já apresentam frutos formados. Além disso,

temperaturas abaixo do ideal em alguns períodos têm atrasado o desenvolvimento das culturas.

“Quando as culturas estão em fase de formação e a instabilidade se intensifica, o seguro não deixa de ser uma rede de segurança importante”, destaca a meteorologista.

Marilene de Lima,
Meteorologista
da Epagri Ciram





Cenário mais crítico no Oeste

Municípios como Ipuçu, Bom Jesus e Passos Maia relataram danos significativos causados pelos temporais. Pomares foram atingidos por granizo, áreas de milho apresentaram perdas e hortaliças sofreram com o excesso de água. Em algumas propriedades, estruturas rurais e residências também foram danificadas.

A meteorologista explica que o episódio foi provocado pelo

deslocamento de uma frente fria combinada com áreas de baixa pressão no Litoral e no Sudeste do país, que favoreceram a formação de nuvens carregadas e tempestades prolongadas. A instabilidade é típica da primavera, mas tem sido intensificada por fenômenos climáticos recentes, como a La Niña, que tende a provocar maior variabilidade e episódios extremos.

Seguro agrícola: ferramenta indispensável

Com a recorrência dos eventos climáticos severos, o seguro agrícola tem se tornado peça-chave para reduzir os prejuízos dos produtores. Segundo Marilene de Lima, a Epagri Ciram oferece laudos gratuitos que auxiliam os agricultores na documentação necessária para acionar o seguro, agilizando o acesso ao benefício.



Como mitigar os impactos da instabilidade climática

Especialistas e entidades agrícolas têm reforçado a importância da preparação e da adaptação como formas de enfrentar a nova realidade climática. Entre as medidas recomendadas estão:

- Contratação de seguro agrícola para culturas de maior risco;
- Acompanhamento contínuo das condições meteorológicas;
- Diversificação de cultivos e manejo adaptado a cenários

extremos;

- Registro detalhado dos danos em caso de intempéries;
- Busca por orientação técnica junto à Epagri e demais órgãos de apoio.

Enquanto o clima segue alterando rotinas e exigindo respostas rápidas, o campo catarinense se vê desafiado a se reinventar — em meio ao vento que sopra, à chuva que castiga e à incerteza que paira sobre cada safra.



Industrialização no cooperativismo

A opção estratégica das cooperativas de Santa Catarina pela industrialização da produção primária – grãos, lácteos, carnes, frutas, etc – representa um dos movimentos mais ousados e transformadores da história econômica do Estado. Ao perceber que o campo não poderia permanecer restrito ao papel de mero fornecedor de matérias-primas, as lideranças cooperativistas estruturaram um complexo agroindustrial robusto, capaz de organizar a produção, agregar valor e garantir renda às famílias rurais. Essa visão antecipada rompeu com o antigo paradigma de dependência e inaugurou um modelo de desenvolvimento que alcançou resultados sociais e produtivos inéditos no País.

A industrialização cooperativa nasceu da necessidade concreta de oferecer ao pequeno e médio produtor condições reais de competir nos mercados nacional e mundial. A partir de uma política consistente de assistência técnica, financiamento de insumos, incorporação de tecnologias e difusão do conhecimento científico, as cooperativas criaram as bases para um ambiente rural moderno, dinâmico e inovador. O setor que, no passado, convivia com incertezas e improvisos, passou a operar com planejamento, escala, previsibilidade e segurança econômica.

Essa transformação teve efeitos profundos. Ao elevar a renda e melhorar as condições de vida no campo, o cooperativismo contribuiu decisivamente para fixar o homem no meio rural, ampliar o acesso a serviços essenciais e impulsionar o desenvolvimento regional. A eletrificação rural, a habitação, o saneamento, a mecanização agrícola e a adoção de equipamentos de última geração são frutos diretos da ação integrada das cooperativas ao longo de décadas.

O grande Oeste catarinense, outrora isolado e economicamente frágil, encontrou no cooperativismo uma resposta sólida para seus desafios estruturais. A tradição cultural das etnias colonizadoras, a topografia acidentada e a predominância de minifúndios criaram um cenário propício à cooperação, que rapidamente se consolidou como ferramenta de proteção econômica, defesa política e fortalecimento social. Hoje, o ramo agropecuário responde pela maior parcela do PIB cooperativista do Estado e sustenta um agronegócio altamente competitivo, marcado pela presença de tecnologias avançadas que vão da biotecnologia à inteligência artificial.

A decisão histórica de industrializar a produção primária não apenas agregou valor aos alimentos catarinenses, mas consolidou um modelo de desenvolvimento sustentável, orientado pela eficiência, pela competitividade e pelo compromisso com o bem-estar coletivo. Nesse ambiente, o conhecimento compartilhado tornou-se diferencial estratégico, essencial para enfrentar mercados globalizados e mudanças tecnológicas aceleradas.

A experiência catarinense demonstra que cooperar não é apenas uma alternativa econômica, mas um instrumento de transformação social. A industrialização promovida pelas cooperativas reafirma a atualidade e a força desse modelo, que segue inspirando investimentos, guiando decisões e moldando o futuro do desenvolvimento regional.

(...) cooperar não é apenas uma alternativa econômica, mas um instrumento de transformação social.

Somente o coração da destilação

O segredo da pureza
e da qualidade Secreta



UM OLHAR NO FUTURO



**Pensamos mídia.
Potencializamos marcas.**

Criamos marcas, sites, audiovisuais,
campanhas publicitárias e
experiências digitais completas.

Da estratégia à execução, conectamos
design, mídia, tecnologia e gestão de
marcas para impulsionar negócios.

AGORA EM
MARAVILHA!

otti[®]
MÍDIA

☎ 49 99156 9978
ottimidia.com.br